

COMO REAGIR AO MACHISMO NO AMBIENTE ACADÊMICO?

Caloura, bem-vinda à SanFran!

Se você está lendo isso, é porque todo o seu esforço foi recompensado, você conseguiu!



Esperamos que você aproveite muito esta experiência que será maravilhosa, mas também causa certa ansiedade e insegurança. Fique tranquila, acontece com todas nós! Queremos que você tenha a melhor graduação possível e, para ajudar nesse processo, montamos esta cartilha esperando que ela te ajude a superar as dificuldades que, infelizmente, ainda aparecem em nosso caminho.

Índice

1 - Introdução

2 - Está tudo bem não reagir

2 - O autocuidado como arma de reação

3 - Situações inadmissíveis no meio acadêmico

4 - Lidando diretamente com situações de machismo

5 - Mas... E se eu precisar de apoio?

5.a) Redes de apoio

5.b) Mecanismos de denúncia

Sobre o uso do feminino universal

Nessa cartilha, utilizamos o feminino universal, pois uma das formas mais sutis de transmitir a discriminação de gênero é através da língua, vez que esta nada mais é que o reflexo de valores e do pensamento da sociedade que a cria e utiliza. Nada do que dizemos é neutro: todas as palavras têm uma leitura de gênero. Assim, a língua não só reflete, mas também transmite e reforça os estereótipos e papéis considerados adequados para mulheres e homens em uma sociedade. Posto isso, aspiramos promover o uso de uma linguagem inclusiva, onde seja visível a presença, a situação e o papel das mulheres na sociedade em geral, tal como ocorre com os homens. Pretendemos, portanto, contribuir para o uso de uma linguagem menos sexista-discriminatória e utilizar uma alternativa de uso da linguagem que contribua para a equidade de gênero.

Quando entramos na universidade, há uma certa ideia de que esse é um lugar de liberdade, tolerância, pensamento crítico e onde todos são livres para serem quem são. Infelizmente, logo nos damos conta de que a universidade não está apartada da sociedade e é tão carregada de problemas quanto ela, entre esses problemas figura o **machismo**. Apesar de todas as conquistas das mulheres, sobretudo no último século, não podemos dizer que vivemos em uma sociedade igualitária, muito pelo contrário.



Nosso meio social ainda é profundamente patriarcal e machista, as mulheres ainda são vítimas de inúmeras formas de agressão e discriminação, explícitas e veladas, grandes e pequenas, cotidianas ou até inesperadas.

O machismo determina a superioridade dos homens em relação às mulheres, as quais são tidas como mais fracas, mais sensíveis, menos inteligentes e menos aptas a liderar; todas essas ideias ainda são muito presentes no meio acadêmicos, o qual, por esse mesmo motivo, é visto como uma área que não pertence às mulheres, onde elas "não se encaixam".

Nossa cartilha foi construída para mostrar que as coisas não são bem assim, afinal, **o lugar da mulher é onde ela quiser!** O combate ao machismo é uma luta cotidiana dentro e fora da faculdade. Nela o debate deve ser ainda mais fervoroso, pois é dentro das universidades que se formam as lideranças do futuro e onde nascem os projetos de pesquisa que influenciarão a formulação de políticas públicas que podem moldar um mundo mais justo e igualitário.



Temos consciência de que reagir a atitudes discriminatórias nem sempre é fácil, seja por sermos ensinadas a nos calarmos, seja por nos sentirmos paralisadas diante da ocorrência. No entanto, é com o intuito de auxiliar no combate destas atitudes que trazemos algumas dicas de como lidar com situações de agressão de gênero e discriminação no ambiente da faculdade. Assim como indicações de órgãos, instituições e pessoas que podem ser buscadas para obter ajuda, apoio e orientação a respeito de como proceder em cada caso. Ainda que agir com importância possa parecer um exagero, não o é. Pois a diminuição da importância da agressão é, também, um mecanismo de perpetuação dessas práticas.



**Juntxs, construimos um futuro
melhor para todos e um ambiente
acadêmico mais inclusivo!**

ESTÁ TUDO BEM NÃO REAGIR!

Antes de passarmos aos meios diretos de combate ao machismo, é preciso dizer: **está tudo bem se você não conseguir ou apenas não quiser reagir a uma situação machista!**

Enfrentar o machismo e o patriarcalismo do dia a dia é extremamente desgastante e pode acabar levando apenas a novas agressões, sem que o problema seja resolvido de fato.

Além disso, muitas vezes, quando nos deparamos com alguma agressão de gênero, ficamos paralisadas e simplesmente não conseguimos reagir. Se isso acontecer com você, saiba que está tudo bem! Não se culpe por não ter registrado, afinal, você não é, e não deve ser, obrigada a reagir, mesmo porque, em alguns casos, é melhor não reagir imediatamente.

Abaixo, vamos oferecer algumas dicas que podem te ajudar a enfrentar as situações de preconceito de gênero, mas saiba que você não precisa segui-las, o importante é fazer o que seja melhor para você naquele momento, mesmo que isso signifique não fazer nada.





O AUTOCUIDADO COMO ARMA DE REAÇÃO

Outro ponto importante que precisamos destacar antes de partir para as formas de reação é a necessidade do autocuidado, afinal reagir a situações de agressão e discriminação é extremamente cansativo e exige de nós força e disposição.

“Cuidar de mim não é autoindulgência, é autopreservação, é um ato de luta política”

Audre Lorde

Os momentos de desrespeito são extenuantes e para lutarmos contra eles é preciso que estejamos com o corpo e a mente saudáveis. Assim, cuidar de si faz parte da nossa autopreservação como mulher e devemos sempre separar um tempo considerável para isso. O autocuidado ainda pode ser uma atitude conjunta. Rodas de conversa acerca da saúde física e mental, o apoio de amigas e colegas e outros momentos de **sororidade** nos fortalecem e permitem tornar o difícil momento de reação às agressões mais factível. O nosso bem estar é fundamental para a construção de um ambiente universitário mais igualitário!



SITUAÇÕES INADMISSÍVEIS NO MEIO ACADÊMICO



Existem algumas situações que, apesar de continuarem a ocorrerem em nosso dia a dia, não podemos aceitar!

Para facilitar a identificação dessas situações, aqui citamos algumas:

- Menosprezo e descredibilização da palavra de mulheres, com frequentes interrupções;
- Reforço de estereótipos patriarcais;
- Julgamentos com base na aparência e na personalidade;
- Tratamento diferenciado das mulheres em um tom mais infantilizado;
- Compartilhamento de fotos com um viés objetificador e sexualizante;
- Intromissão exagerada na intimidade das mulheres;

LIDANDO DIRETAMENTE COM SITUAÇÕES DE MACHISMO

Ao nos vermos vítimas de machismo, é normal nos sentirmos paralisadas e, além do gosto amargo da situação, há a sensação de “Por que eu não falei alguma coisa?”. Sabemos que lidar com situações desse tipo não é fácil, principalmente se levarmos em conta que, há séculos, a sociedade nos ensina que devemos passar por tudo caladas. É importante não aceitarmos mais esta imposição, mas também é compreensível que nem sempre estejamos com forças para lutar. Por isso, lembre-se: **você não está sozinha!**

Para enfrentar o patriarcalismo, é necessário combatê-lo. Por isso, trazemos **conselhos de como tentar reagir a situações que, frequentemente, ocorrem na faculdade.**





Fui silenciada durante a minha fala

É comum, infelizmente, que ao falarmos sejamos interrompidas, que nossos argumentos sejam desconsideradas nas discussões, ou ainda que alunos homens se apropriem de nossas ideias.

Tente não deixar por isso mesmo! Se for interrompida, diga algo como "eu ainda não terminei de falar" ou "ainda estou falando, espere eu acabar".

Se sentir que seu ponto de vista foi ignorado e que um aluno disse a mesma coisa e foi considerado, sugerimos dizer algo como "de fato, como eu disse na minha última fala..." ou "que bom que nós pensamos a mesma coisa sobre esse tema, como eu já havia dito isso anteriormente".

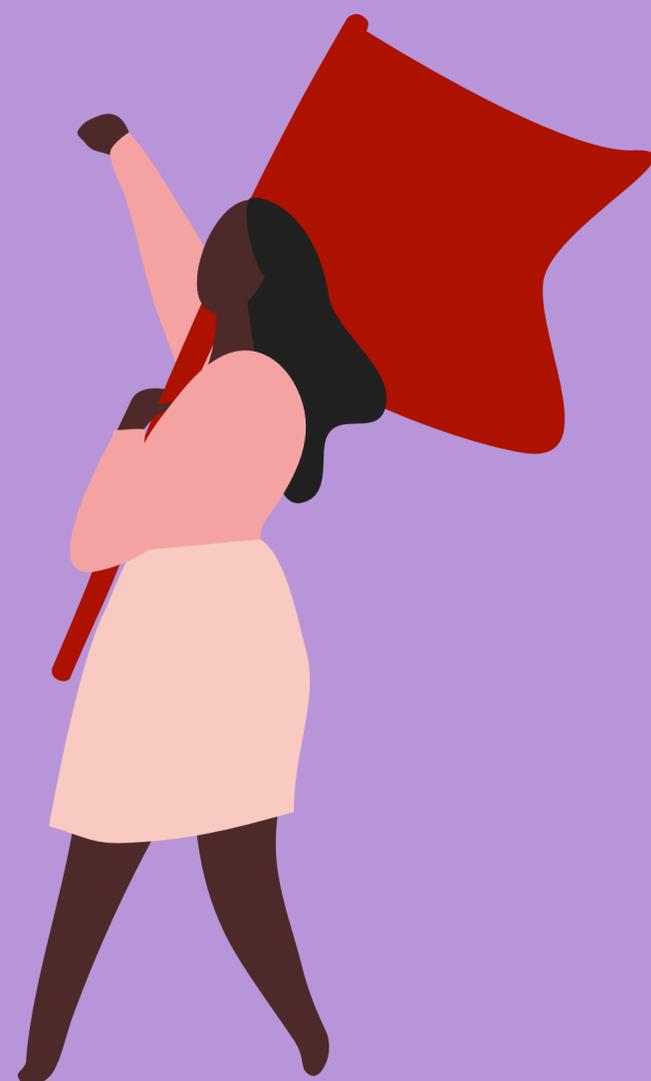
Não tenha medo de ser taxada como "agressiva" - apontar as condutas inadequadas é essencial para evitar que elas ocorram novamente.



Escutei um comentário machista

Comentários que estigmatizam mulheres e reforçam preconceitos de gênero ainda são frequentes, tanto por parte dos alunos, quanto dos professores. Falas como "ela só conseguiu o estágio porque é bonita", "mulher não gosta de futebol", "essa área do direito é de homem", entre outras, não devem ser ignoradas ou toleradas. Sabemos que, especialmente em situações com professores é mais difícil se impor, mas tente, na medida do possível, questionar o que foi dito.

Sugerimos explicar para a pessoa por que o comentário foi preconceituoso e oferecer argumentos que desconstruam aquele estereótipo. Outra ideia é desafiar o agressor a explicar a lógica do comentário, e apontar as incongruências em seu raciocínio, de forma a fazê-lo refletir sobre que foi dito.





"Toda vez que uma mulher se defende, sem nem perceber que isso é possível, sem qualquer pretensão, ela defende todas as mulheres."

Maya Angelou



Vi outra mulher ser agredida ou assediada

Se escutar comentários depreciativos acerca de outra mulher, ou se presenciar uma situação de agressão ou assédio, apoie a vítima. Questione o agressor, ofereça ajuda, peça auxílio para outras pessoas, denuncie.

Se ver alguma mulher em uma situação de risco, faça o possível para alertá-la e a levar para um local ou situação mais seguros.

Especialmente se ver algum amigo seu perpetuando uma violência de gênero, não deixe de agir e de apontar seus erros!

Juntas somos mais fortes!



Não respeitaram meu "não"

Nos ambientes mais descontraídos da faculdade, como o porão, as famosas festas no largo, jogos universitários ou até mesmo as arcadas temos a oportunidade de socializar, fazer amizades e, se desejarmos, explorarmos nossa sexualidade. No entanto, neste contexto, muitos homens ainda acreditam ter direito aos nossos corpos, sem considerar nossas vontades e desejos.



Assim, continua sendo comum que alguns passem do limite e não respeitem nosso espaço pessoal e nosso consentimento. Por isso, ao serem rejeitados, insistem, fazem chantagens emocionais, proferem ofensas ou, em casos mais extremos, tentam ter contato à força. É importante, nesses momentos, reagir, pedir ajuda a pessoas que estejam no local, e denunciar a violência.

Como reagir?

- Resposta ativa, que evidencie o problema da atitude;
- Resposta explicativa, expondo ao agressor a ofensividade de seu comportamento — as pessoas não gostam de serem chamadas de sexistas, racistas ou homofóbicas, por isso, para um diálogo efetivo, pode ser melhor focar em descrever quão destrutiva aquele tipo de atitude é, para que o agressor entenda seu erro e não volte a cometê-lo;
- Falar com outras pessoas primeiro, para em seguida colaborarem juntas, a fim de repreender o comportamento e abolir atitudes similares.

Por mais que seja duro se sentir a pessoa problematizadora, você não precisa aceitar esse tipo de costume! Reflita como reagirá à atitude, para evitar que só você, dentre as duas partes, saia perdendo de situações assim.



MAS... E SE EU PRECISAR DE APOIO?

Redes de apoio

Para desabafar, trocar experiências, conseguir ajuda e incentivo, é sempre bom contar com pessoas em que possamos confiar - especialmente aquelas que tiverem passado por experiências similares.

Na faculdade, você encontrará amigas com quem dividir esse percurso e que poderão te apoiar. Mesmo no início, quando ainda não conhecemos bem as pessoas, tenha certeza que veteranas estarão dispostas a te ajudar.

Mas não só, podemos recorrer também a quem quer que faça sentido para cada uma: familiares, professores, terapeutas, namorades, enfim, o importante é buscar alguém que nos dê suporte.



A Faculdade e a Universidade possuem órgãos concebidos exatamente para auxiliar você, caso precise de apoio institucional. Estes são espaços seguros que podem ser buscados, caso necessário.

Nas páginas seguintes, apontaremos alguns deles:

MECANISMOS DE DENÚNCIA DA SANFRAN



Ouvidoria de Gênero da FDUSP

Criada em 2018, a ouvidoria recebe e processa denúncias de assédio, preconceito, agressões, assim como de quaisquer manifestações discriminatórias relativas a gênero. A ouvidora é a prof. Mariângela, que possui longo histórico de estudo e combate à violência contra a mulher. Se, em qualquer momento, você se sentir agredida, saiba que pode contar com a ouvidoria de gênero!

- Email: ouvgen@usp.br

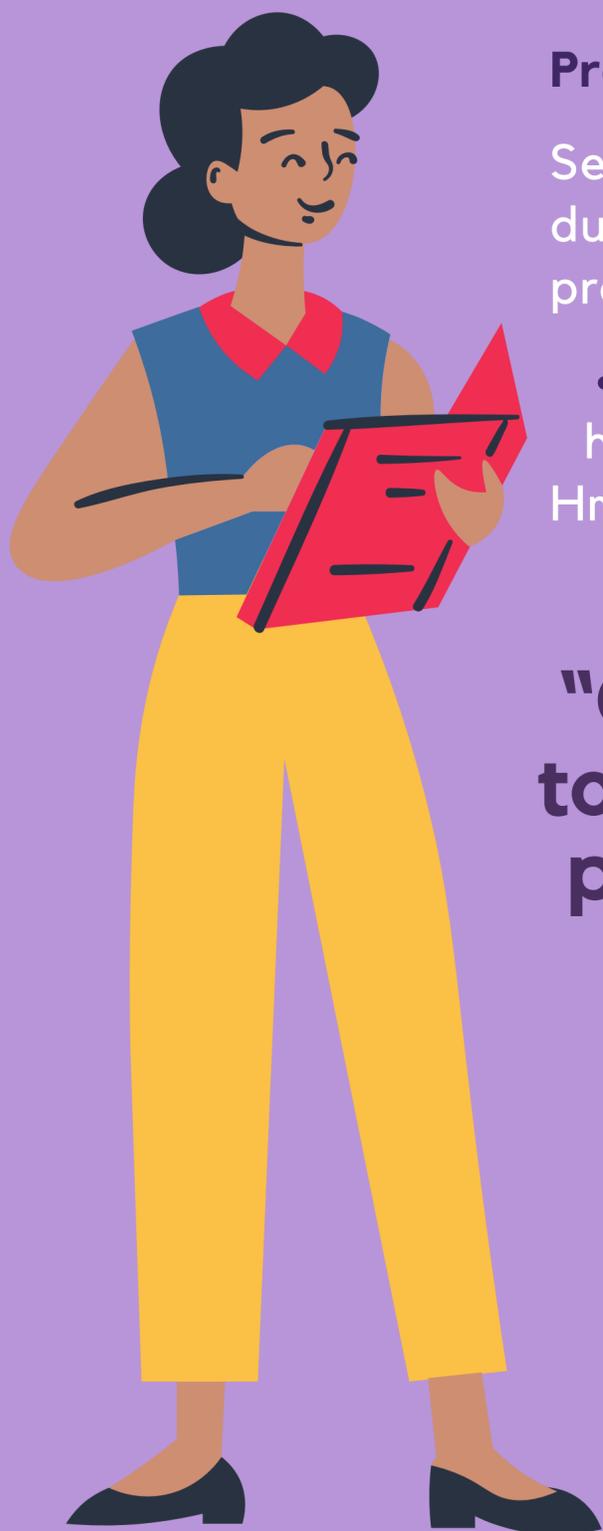
Associação Atlética Acadêmica XI de Agosto

A Atlética é a responsável pela promoção e organização de diversas festas e comemorações universitárias, sendo também responsável, portanto, pela segurança de todos os estudantes nesses eventos.

Por isso, a A.A.A XI de Agosto organiza uma comissão anti-opressão (CAO), com membros devidamente identificados. Se, em qualquer momento durante o evento, você se sentir desconfortável ou agredida de qualquer forma, procure um representante e peça ajuda!

- Email: contato@atleticaxideagosto.com.br
- Facebook: [Atlética XI de Agosto](#)





Professores e monitores:

Se passar por alguma situação de agressão de gênero durante uma aula ou monitoria, avise seu/sua professor/professora ou seu/sua monitor/monitora.

- Contato dos professores:

<https://docs.google.com/document/d/1PdRvoAQoC4yTHmrCRXcT9aTMXZbN5-FETH5pXmG0GRo/edit>

“O feminismo deve contemplar todas as mulheres, é necessário perceber que não dá pra lutar contra uma opressão e alimentar outra.”

Djamila Ribeiro

Centro Acadêmico XI de Agosto

O Centro Acadêmico também organiza festas e eventos da faculdade, e está presente para auxiliar os estudantes. Além disso, o CA, historicamente, busca lutar pela construção de um ambiente acadêmico mais inclusivo e democrático, e promove também cursos, palestras e atividades nesse sentido.

Caso você seja vítima de alguma agressão de gênero dentro da faculdade, sinta-se livre para buscar apoio e orientação no Centro Acadêmico!

- Email: diretoria@xideagosto.org
- Site: <https://www.xideagosto.org/>
- Facebook: Centro Acadêmico XI de Agosto
- Telefone: (11) 3101-1823





Coletivos

Ao entrar na faculdade, nos deparamos com um ambiente novo, cheio de pessoas novas e com dinâmicas próprias; muitas de nós vêm de outras cidades, ou de outros estados e, talvez pela primeira vez na vida, estejam longe de casa e da família. Nessa situação, é normal nos sentirmos deslocadas, inseguras e solitárias, preocupadas em encontrar pessoas com as quais possamos nos identificar e fazer amizades e, nessa questão, os coletivos podem ser de grande ajuda!

A SanFran conta com muitos coletivos voltados justamente a promover a inclusão e criar uma rede de apoio. Busque ajuda em um coletivo com que você se identifique e as pessoas poderão te amparar, ouvir, receber e aconselhar.

Além disso, muitos coletivos promovem formações sobre temas relacionados a gênero e podem agir de forma mais institucional para buscar evitar essas situações. Dois exemplos são:

Coletivo Feminista Dandara

- Site: coletivofeministadandara.blogspot.com.br

Coletivo Feminista Negro Angela Davis

- Facebook: Coletivo Angela Davis

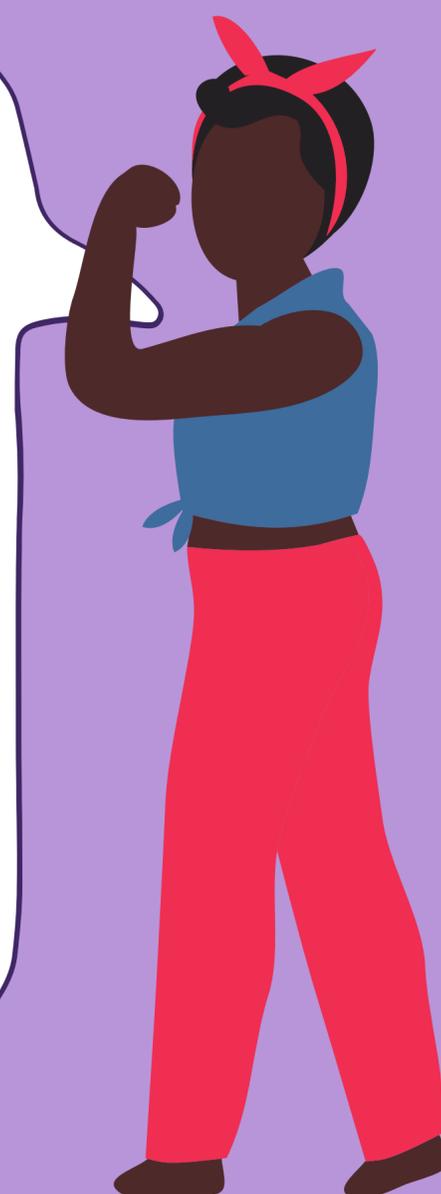
Quilombo Oxê, Coletivo Negro da FDUSP

- Facebook: Quilombo Oxê

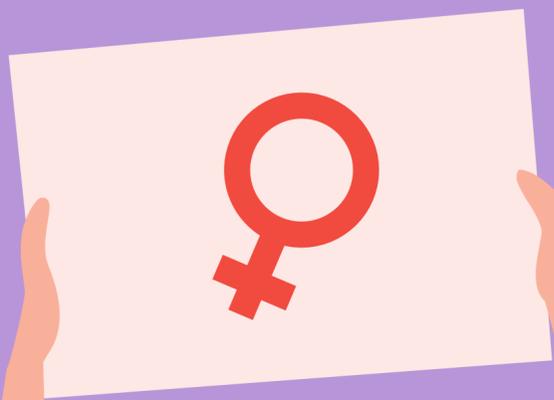
Coletivo Ferro's, Coletivo LGBTQIA+ da FDUSP

- Facebook: Coletivo Ferro's - Direito USP

**WE
CAN
DO
IT!**



MECANISMOS DE DENÚNCIA DA USP



**"Que nada nos defina,
que nada nos sujeite. Que
a liberdade seja a nossa
própria substância, já que
viver é ser livre."**

Simone de Beauvoir

Diretório Central dos Estudantes (DCE Livre da USP)

O DCE conta com uma diretoria de mulheres responsável por articular o movimento em conjunto com os vários coletivos feministas da USP. A diretoria busca fomentar o debate sobre assédio na universidade e encontrar novas formas de combater o machismo e tornar o ambiente acadêmico menos hostil às mulheres.

Conhecer o DCE também é uma ótima maneira de se aproximar do Movimento Estudantil, onde as pautas feministas e de combate ao machismo, assim como a toda e qualquer forma de discriminação, podem e devem ser debatidas e trabalhadas em conjunto com as pautas estudantis, para construir um ambiente acadêmico cada vez melhor para todas. Assim, no Diretório, você pode conseguir apoio, aconselhamento e fazer parte efetivamente da luta contra o machismo!

- Email: contatodceusp@gmail.com
- Site: dceusp.org.br
- Facebook: DCE Livre da USP

Escritório USP Mulheres

O Escritório USP Mulheres é um órgão de assessoria à Reitoria, que atua em conjunto com a Comissão de Direitos Humanos da USP e integra o programa #HEFORSHE e o projeto-piloto Impacto 10 X 10 X 10 da ONU.

O escritório pretende pesquisar as relações de gênero na USP, para formular políticas públicas de equidade dentro da Universidade. Além disso, organiza eventos, seminários e cursos voltados ao tema, tanto no meio acadêmico quanto fora dele.



Também é oferecida **orientação às alunas que quiserem relatar casos de violência e/ou discriminação**. Em seu site, há também uma lista de serviços e instituições a que mulheres podem recorrer para buscar ajuda e orientação, como o Centro de Defesa e Convivência da Mulher (CDCM), o Núcleo de Promoção e Defesa dos Direitos da Mulher (NUDEM) e o Grupo de Atuação Especial de Enfrentamento À Violência Doméstica (GEVID).

- Email: uspmulheres@usp.br
- Telefone: 2648-1371 ou 2648-1367

Disque trote

O trote deveria servir para que os veteranos dessem boas-vindas aos calouros, proporcionando um primeiro contato festivo e alegre com a faculdade, em um momento tão marcante. Todavia, sabemos que nesse evento podem ocorrer opressões, violências e outras formas de discriminação.

Nos últimos anos, a USP tem se esforçado para pôr um fim nos trotes violentos. Parte desse esforço consistiu na criação de um canal telefônico para denúncia.

Além disso, se vivenciar alguma situação desagradável durante o trote, não hesite em procurar a Atlética, o Centro Acadêmico e os vários coletivos presentes.

- Disque trote: 0800-012-1090



MECANISMOS DE DENÚNCIA ESTATAIS

Se sofrer ou presenciar um crime, é possível recorrer também a mecanismos estatais de denúncia, como a Guarda Universitária, a Central de Atendimento à Mulher em Situação de Violência ou mesmo a Polícia. Os atendentes poderão te aconselhar, dar instruções de como se proteger, enviar oficiais e auxiliar em procedimentos administrativos, como fazer um Boletim de Ocorrência, por exemplo.



Guarda Universitária - Quadrilátero da Saúde e do Direito:

- Telefone: (11) 3061-78 41
- Aplicativo "Campus USP": baixe o aplicativo e tenha acesso à comunicação direta com a guarda.

Central de Atendimento à Mulher em Situação de Violência:

- Disque: 180
- Para situações de emergência ou necessidade de rápida intervenção: 190 - Polícia Militar 24h.

Esperamos que estas dicas, informações e sugestões ajudem a tornar não só a sua semana de recepção, mas as diversas vivências que você terá na faculdade mais tranquilas e seguras.

Informação nos protege, e queremos que você tenha acesso a todas as ferramentas e mecanismos que ajudam as mulheres a lutar contra violências de gênero.

Lembre-se: você não está sozinha! Estamos juntas na construção de um ambiente acadêmico mais igualitário e saudável. O machismo não deve nos calar ou prejudicar nossa experiência universitária - e queremos que a sua seja incrível!

PARA QUEM QUISER ESTUDAR MAIS, SEGURIMOS OS SEGUINTE MATERIAIS:

- **"Autocuidado como ato político"** (Cartilha de Sara Ahmed)
- **"Autocuidado: a próxima fronteira do feminismo (e que deveria ser estendida a todas as mulheres)"** (Cartilha de Sara Ahmed)
- **"Quem tem medo do feminismo negro?"** (Livro de Djamila Ribeiro)
- **"Sejamos todos feministas"** (Livro de Chimamanda Ngozi Adichie)
- **"Irmã outsider: Ensaio e conferências"** (Livro de Audre Lorde)
- **"Clube da luta feminista: Um manual de sobrevivência (para um ambiente de trabalho machista)"** (Livro de Jessica Bennett)